

LEITURA SEMIOLÓGICA DE AULA DE ROLAND BARTHES

Renato de MELLO (FALE/UFMG)

Abstract: This paper explores some Discourse Analysis basic concepts in order to explain the enunciation context. It further establishes a relationship between semiological theories grounded in Roland Barthes and his actual writing as presented in Leçon.

0. Introdução

Este trabalho tem por objetivo estabelecer uma relação entre a teoria semiológica, para a qual as contribuições de Roland Barthes são essenciais, e a escrita efetiva realizada por este autor, a partir desse marco teórico, em *Aula* (tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés, Editora Cultrix, São Paulo, 1978). Pretende-se verificar até que ponto uma determinada prática de escrita — *l'écriture* — afetou a construção de um campo conceitual e vice-versa.

O título geral da Comunicação Coordenada de que participamos no 6^o InPLA foi: *Aplicações da análise do discurso na leitura de textos*. Poderia ser acrescentado a este título: "aplicações feitas em sala de aula por alunos de graduação em Letras que estão tendo contato pela primeira vez com teorias Semiológicas ou com teorias da Análise do Discurso".

Na verdade, o objetivo primeiro é tentar mostrar como alguns conceitos básicos da Análise do Discurso são trabalhados em sala de aula com alunos debutantes nessa

"disciplina". Assim, escolheram-se alguns temas como *enunciação* e tudo o que a envolve como, por exemplo, o *Sujeito da enunciação*, *o Tempo*, *os Embrayeurs*, enfim a *Situação de Enunciação*, além de Intertextualidade, Poder, Língua, Litera-tura e Semiologia. A partir do conhecimento desses conceitos básicos os alunos de graduação em Letras estariam aptos a aprofundar seus estudos em Análise do Discurso.

E porque a escolha de *Aula* de Roland Barthes para esse trabalho inicial com os alunos? Poder-se-ia dizer que é para unir o útil ao agradável ou, segundo o próprio Barthes, pelo "prazer do texto". Na verdade já se trabalha aqui com um conceito pertencente à Análise do Discurso: a intertextualidade. Barthes na *Aula* constrói relações intertextuais exclusivamente com autores, historiadores com os quais ele teve ligações afetivas, como por exemplo Michelet, "... a quem devo a descoberta desde a origem de minha vida intelectual, do lugar soberano da história..." com Paul Valéry, "... cujos cursos segui aqui mesmo, quando era adolescente..." e com Emile Benveniste e Michel Foucault, "... a que sou ligado por afeição, solidariedade intelectual e gratidão". (1)

A teoria da intertextualidade com a qual se trabalha em sala de aula é aquela de Kristeva e Laurent Jenny a partir da leitura que eles fazem de Bakhtin. Na *Aula* de Barthes, tenta-se mostrar como ele e seu texto dialogam com outros textos dele mesmo e com textos de outros autores, sempre através de ligações afetivas. Intertextualidade é, lato senso, um processo de construção de textos. Barthes, na *Aula* constrói, reconstrói o tempo todo, ou seja, ele se apropria de textos seus e dos outros,

conceitos seus e dos outros e os transgride, transforma ou parafraseia para montar sua *Aula*.

Uma outra razão que explica a escolha da *Aula* e o trabalho com o conceito de intertextualidade aplicado à *Aula* é que a obra é de uma certa forma um texto em abismo, ou, como disse Leila Perrone-Moisés, "um texto caleidoscópico onde toda a obra anterior de Barthes nela está retratada, deformada, reformada do ponto de vista atual, a partir do qual ele olha esse passado de escritura e de ensino." (2)

Enfim, a proposta é ler, em sala de aula, a *Aula* de Barthes, identificando sua estrutura, sua composição, valendo-se de conceitos trabalhados pelo próprio Barthes, na própria *Aula*.

1. Discutindo a questão - A Capa

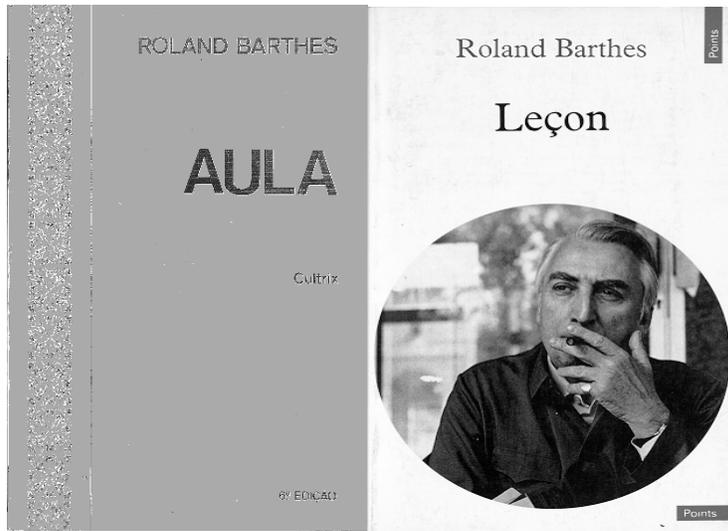


figura 1

figura 2

Aqui vale uma observação: escolheu-se trabalhar com o livro no original — edição francesa — e também com a tradução de Perrone-Moisés, pela Cultrix, devido a algumas pequenas diferenças importantes para a leitura do texto.

Já na capa observam-se essas diferenças: a versão brasileira (figura 1) é mais simples. Na edição francesa (figura 2) tem-se o nome: Roland Barthes; o título da obra: *Leçon* e o retrato do autor. Tem-se aqui uma espécie de caligrama onde a foto compensa o alfabeto, repete sem o recurso da retórica e prende as coisas na armadilha de um duplo dizer. E a repetição será recorrente na *Aula* de Barthes. Mais uma vez é necessário citar Perrone-Moisés

que diz que "a repetição implica uma responsabilidade do modelo, isto é, do mestre". (3) Barthes também apontará a repetição como uma armadilha da linguagem. Mas o que importa mais do que a capa é a folha de rosto.

1.1. A folha de rosto

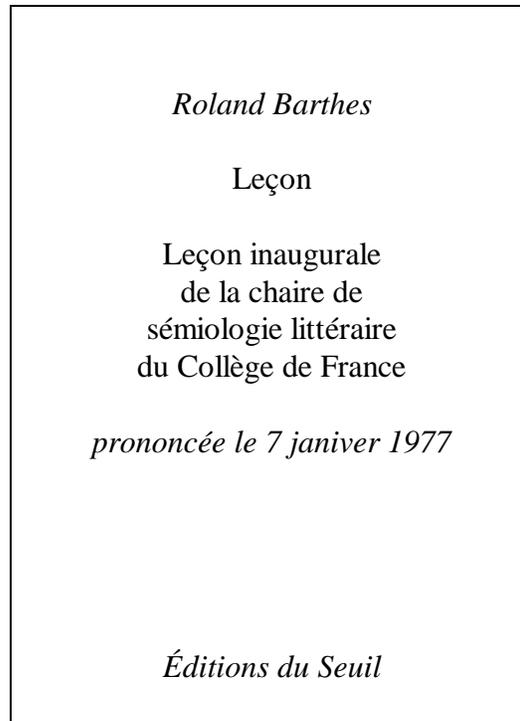


figura 3

Percebe-se na folha de rosto alguns detalhes curiosos. Esta página enuncia a situação de enunciação. No alto da página vê-se o nome do autor — Roland Barthes.

Em seguida o título — *Leçon* — seguido de uma espécie de sub-título que restringe o título, o especifica — *Leçon inaugurale de la chaire de Sémiologie Littéraire du Collège de France*. Um pouco mais abaixo outro detalhe: *prononcée le 7 janvier 1977*. Enfim, no pé da página vê-se *Editions du Seuil*. Em geral o leitor passa por esta página sem prestar muita atenção. Na maioria das vezes, salta-se esta página. Mas, após uma reflexão, descobre-se que ela é extremamente significativa. Ela pode mudar completamente a leitura do texto, ou pelo menos ajudar a compreendê-lo melhor.

Esta página contém os três elementos mais importantes que compõem aquilo que é comumente chamado de *Situação de Enunciação*: os *embrayeurs* do nome, do espaço e do tempo. Dito de outra forma, são as marcas da pessoa que enuncia, seu momento e lugar de enunciação. O locutor da *Aula* é Roland Barthes. Onde ele enuncia? No Collège de France. Quando ele enuncia? Em 7 de janeiro de 1977. É um acontecimento único realizado em circunstâncias únicas, num tempo e num espaço específico.

Primeiramente a enunciação falada: é a *mise en fonctionnement* da língua pelo ato individual cometido por Barthes no Collège de France em 7 de janeiro de 1977. O resultado disso é o dito, ou seja, o objeto lingüístico.

Em um outro nível tem-se a enunciação escrita: um livro chamado *Leçon* onde estão registrados enunciados de responsabilidade de Barthes. Desses enunciados é possível retirar algumas marcas da fala que o locutor deixou. Essas marcas formam o objeto de estudo enquanto situações de enunciação.

A *Éditions du Seuil* seria a responsável pela transcrição daquilo que Barthes enunciou na *Aula*. A *Éditions du Seuil* divide com Barthes a responsabilidade da enunciação, ou melhor, Barthes fica responsável pelo enunciado oral e a Edição pelo enunciado escrito.

Pode-se dizer, agora, que a *Aula* de Roland Barthes é um enunciado resultado de uma enunciação. Entretanto, este enunciado, antes de ter sido escrito, transformado em livro, foi um enunciado falado. Em lingüística é chamado de *enunciado-tipo* e *enunciado-ocorrente* respectivamente. A aula foi primeiramente um *enunciado-ocorrente*, ou seja, o produto da enunciação singular, historicamente e empiricamente situável: no Collège de France, em 7 de janeiro de 1977, quando Roland Barthes, ao vivo, falou para um público: a assembléia do Collège de France.

Por outro lado, existe hoje, aqui, somente o enunciado escrito, ou *enunciado-tipo*, independente de toda esta enunciação particular. Tem-se somente o enunciado. Poder-se-ia dizer que a enunciação quase que se perdeu totalmente. Mas mesmo hoje, aqui, agora, com este texto escrito, este enunciado-tipo se não é possível recuperar a entonação dos enunciados de Barthes, seus gestos, sua respiração, suas pausas, pode-se pelo menos recuperar vários outros traços, marcas da situação de enunciação que o locutor deixou no enunciado.

1.2. O texto

Je devrais sans doute m'interroger d'abord sur les raisons qui ont pu incliner le Collège de France à recevoir un sujet incertain, dans lequel chaque attribut est en quelque sorte combattu par son contraire. Car, si ma carrière a été universitaire, je n'ai pourtant pas les titres qui donnent ordinairement accès à cette carrière. Et s'il est vrai que j'ai voulu longtemps inscrire mon travail dans le champ de la science, littéraire, lexicologique et sociologique, il me faut bien reconnaître que je n'ai produit que des essais, genre ambigu où l'écriture le dispute à l'analyse. Et s'il est vrai encore que j'ai lié très tôt ma recherche à la naissance et au développement de la sémiotique, il est vrai aussi que j'ai peu de droits.

7

figura 4

A primeira palavra do texto é *Je* — pronome pessoal que também é um dêitico ou embrayeurs. Como dêitico *Je* é um signo vazio que será preenchido somente na instância do discurso. *Je* é o sujeito da enunciação e do enunciado. Evidentemente sabe-se que esse *je* é Roland Barthes. De onde vem essa certeza? Da capa do livro? Segundo a célebre frase de Benveniste:

"Je ne peut être identifié que par l'instance de discours qui le contient et par là seulement. Il ne vaut que dans l'instance où il est produit [...] La définition peut alors être précisé ainsi; *je* est l'individu qui énonce la présente instance de discours contenant l'instance linguistique *je*."(4)

Je é Roland Barthes. Quando Barthes diz *Je* na *Aula* ele instaura ali um discurso subjetivo, ou seja, ele se torna sujeito da enunciação assim como do enunciado. Barthes começa seu discurso falando de si mesmo, em primeira pessoa, apresentando-se para aqueles que vão ouvi-lo. Mas a marca da subjetividade, da pessoalidade, não está somente no *je* — pronome pessoal. Há suas variantes. Nessa mesma página pode-se ler *m'interroger, ma carrière* ... variantes da primeira pessoa, pronomes tônicos, possessivos, adjetivos possessivos, todos marcando a subjetividade do locutor e sua situação de enunciação.

Entretanto, Barthes não utiliza somente o *je* e suas variantes como marcas de sua enunciação. Em algumas passagens ele deixa de utilizar a 1ª pessoa do singular e passa a usar a 1ª do plural — *nous*. Geralmente diz-se que

nous é o plural de *je*, mas, sabe-se que essa não é uma boa definição. *Nous* é de uma certa forma uma amplificação do *je*. *Nous* é a soma do *je* e de vários *tu*. Assim, por detrás desse *nous* existe o locutor e os alocutários. Barthes diz *nous* a uma comunidade específica — o público que o escuta no Collège de France. Assim, Barthes integra-se aos alocutários e todos assumem em comum o enunciado. No momento em que ele integra-se ao *nous* o *je* torna-se um pouco mais fraco visto que divide a responsabilidade do enunciado com outras pessoas. Com a instauração do *nous* o discurso transforma-se em narrativa.

É interessante perceber que quando Barthes fala de si, quando ele diz *je*, quando ele está do lado da subjetividade, do discurso, subsiste no seu enunciado um número considerável de dêiticos espaciais, temporais assim como as variantes da primeira pessoa *je*.

Entretanto, quando ele está falando da teoria, da linguagem, da semiologia, ele está no domínio da narrativa, da objetividade. Aí percebe-se que o texto fala por si mesmo e não há quase nenhum dêitico. Isso se explica. Na narrativa o único que pode sustentar a enunciação desses dêiticos é o narrador ele mesmo quando ele se dirige ao alocutário. Quando este torna-se parte integrante ou integrada do enunciado através do *nous* não há sentido haver esses dêiticos.

2. Concluindo a questão

A *Aula* de Barthes é, então, dividida em duas partes.

1ª parte: Eu/ Barthes/ Subjetividade/ Biografemas/ Discurso/ Professor/Aula.

*2ª parte: Nós/Barthes/Alocutários/Objetividade/Teoria/
Narrativa/Semiólogo/Semiologia.*

Na *Aula* de Barthes o alocutário não é nunca explicitado ou nomeado explicitamente. Sabe-se que ele existe através de outros dêiticos. Percebe-se que o *tu* não se torna jamais *je* nem vice-versa. Isso se explica facilmente. Na *Aula* Inaugural Barthes não é e não pode ser jamais interrompido, ou seja, ninguém além dele pode tomar a palavra e dizer *je*. Analogicamente (ou analogamente) à situação de Barthes, vive-se aqui, agora, no 6º Inpla, mais ou menos a mesma situação: o comunicador diz *eu* ou *nós* o tempo todo, e mesmo, que ele não dissesse, ele estaria subentendido no seu discurso. Ele nomeia os outros aqui presentes como seus alocutários, mas os presentes não podem se manifestar, eles não podem interrompê-lo. Às vezes, usa-se a 1ª pessoa do plural *nós*: os presentes e o comunicador. Quando ele diz *nós*, ele divide sua experiência com todos. Todos se tornam seus parceiros ou seus cúmplices. No caso de Barthes o único momento em que o *tu* ou o alocutário poderá se manifestar é quando ele lhe dará a nota. No caso do 6º INPLA é mais complicado e também mais fácil porque não há nota; o *feed-back* vem de forma mais sutil, mais velada talvez.

Em alguns momentos na *Aula* Barthes usa a terceira pessoa do singular no lugar do *Tu* ou *Vous* ao dirigir ao Collège de France. Ele lhe fala com extremo respeito:

"É pois, manifestamente, um sujeito impuro que se acolhe numa casa onde reinam a ciência, o saber, o rigor e a invenção disciplinada."(5)

Pode-se dizer então que o Collège de France é ao mesmo tempo alocutário e referente.

É interessante notar também que não é só o *tu*, o alocutário, que se torna *il*, 3ª pessoa; o *je* também se torna *il*. Às vezes Barthes fala de si mesmo em 3ª pessoa.

Sabe-se perfeitamente que ele se dirige ao Collège de France. Entretanto, ele não a nomeia jamais explicitamente, quer dizer, ele usa o *tu* ou sua variante *vous*, jamais o nome próprio Collège de France.

Ao fazer isso ele se exclui da reciprocidade da troca lingüística. Tudo acontece como se ele se dirigisse a alguém que não se constitui como alocutário para negar toda comensurabilidade com ele.

Falar de *je* que se dirige a um *tu* remete à categoria de "pessoa". Estes dois dêiticos, que só são preenchidos na situação de enunciação, formando um par indissociável, ao ponto de se tornar *nous*, sustentam um discurso sobre o mundo, a alguma coisa que remete a um mundo exterior, aquele da *não-pessoa*, por oposição às pessoas da troca lingüística. Esta não-pessoa é, na *Aula* de Barthes o tema, ou melhor, a semiologia. Barthes tematiza na *Aula* seu próprio enunciado.

Barthes fala quase o tempo todo no indicativo, sobretudo no presente do indicativo. Sabe-se que o tempo verbal também é uma categoria dêitica que permite recuperar a situação de enunciação. Dito de outra forma, o indicativo é o único modo verbal que pode situar o enunciado com relação ao momento da enunciação. O presente lingüístico só se define pelo momento em que o locutor fala. Assim, todo enunciado no presente é remetido à sua instância de enunciação. Segundo Benveniste:

"Le présent, comme le parfait, appartient au système linguistique du discours, car le repère temporel du présent est le moment du discours..."(6)

Na *Aula* de Barthes o presente do indicativo toma todo o discurso.

Em uma espécie de radiografia da *Aula* de Barthes a nível temático ter-se-ia:

Nous/Tu/Maintenant/Pouvoir/Langue/Littérature/Semiologie

Buscou-se, aqui, levantar as estratégias utilizadas pelo autor para deslocar conceitos da teoria semiológica, promover referências intertextuais, além de evidenciar as marcas do eu-biográfico. Procurou-se, enfim, avaliar como esses marcos teóricos vindos de diferentes campos se harmonizam e indicam novos rumos para a Análise do Discurso. Como resultado, pôde-se perceber que o campo conceitual funde-se a uma prática discursiva — *l'écriture* — em que sujeito e objeto se sobrepõem e onde enunciado e enunciação se friccionam, anunciando aquilo que se tornou uma das marcas do discurso acadêmico desde os anos 80 até hoje.

NOTAS:

- (1) Cf. BARTHES, 1989. p.8-9.
- (2) Idem p.55.
- (3) Idem p.56.
- (4) Cf. BENVENISTE, 1966. p.251.
- (5) Cf. BARTHES, 1989. p.8.

(6) Cf. BENVENISTE, 1966. p.237.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- . *Essais critiques*. Ed. du Seuil, nº 127, 1981.
- . *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973.
- . *Leçon*. Ed. du Seuil, 1978.
- . *O grão da voz*. Trad. Teresa Meneses e Alexandre Melo. Porto: Edições 70, 1982.
- . *O grau zero da escritura*. Trad. Anne Arnichaud e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974.
- . *O óbvio e o obtuso*. Trad. Isabel Pascoal. Porto: Edições 70, 1984.
- . *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira e Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- . *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris: Écrivains de Toujours, Seuil, 1990.
- . *Roland Barthes*. Paris: Seuil, 1975.
- . *S/Z*. Paris: Seuil, 1970.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de Linguistique Générale*, Paris: Gallimard, 1966.
- BRANDÃO, H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 3.ed. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP, 1994.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- . *História da Linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. São Paulo: Edições 70, 1969.
- MAINGUENEAU, D. *Análise do Discurso*. Campinas: Papyrus, 1993.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2.ed. Campinas, SP, 1987.